

EDITORIAL

SABERES PLURAIS: EDUCAÇÃO NA SAÚDE - UM PROJETO DE EDUCAÇÃO DIFERENCIADO

Paulo Peixoto de Albuquerque
Ramona Fernanda Ceriotti Toassi
Carmen Lucia Bezerra Machado
Danilo Blank

O Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGENSAU) tem o grande prazer de entregar à comunidade de profissionais e acadêmicos da área da saúde uma nova publicação técnico-científica periódica: Saberes Plurais: Educação na Saúde.

Abrimos o primeiro número da revista fazendo duas observações: primeiro, ao oferecerem respostas acabadas e cada vez mais redutoras para as questões da sociedade moderna, as teorias de caráter explicativo contribuíram para o esvaziamento das enormes questões com que cada um de nós se defronta na reflexão e na prática educativa, porque torna equivalente o que não é equivalente.

Em segundo lugar, educação não é equivalente a formação ou capacitação. A primeira remete a uma questão mais ampla, diz respeito à cultura como patrimônio da humanidade, nos faz pensar no social, no político, em valores, em postura ética frente ao mundo; enquanto que capacitação nos remete ao individual, à construção de competências para o trabalho... tem uma dimensão econômica.

Nesse sentido, a reação pós-moderna, que secciona a especificidade humana para em seguida dissolvê-la na incorporiedade de uma universalidade inexistente, não implica necessariamente a resolução da interrogação – de que modo um projeto educativo pode mudar uma dada realidade? Antes pelo contrário: entre a aspiração a encontrar uma verdade absoluta – ênfase do pensamento moderno – e a abdicação total de qualquer tentativa de construção comum, tanto no âmbito do entendimento quanto no âmbito da ação, há uma enorme distância, continuamente verificada por aqueles que não desistiram de comprometer-se com os desafios da educação. Por um lado, respostas já esvaziadas, porque os velhos conceitos, as lógicas e as teorias explicativas são inoperantes e não dão conta de resolver as questões cotidianas; de outro, a desconfiança frente às respostas ou à infantilidade da desconstrução pela desconstrução.

Diante desse quadro, surgiu este projeto de revista, que busca dar visibilidade à reflexão e às buscas

daqueles que tem na saúde pública e no cotidiano de trabalho os elementos que apontam para o nosso esquecimento das lições da própria história. Dito de outro modo, esta revista busca, a partir da constatação da provisoriedade e da incompletude do conhecimento, reverter o argumento hegemônico de que a lógica do mercado tudo relativiza.

O fato de que o humano é complexo e que na presença do outro diferente de mim existe a possibilidade de me reconhecer como pessoa incompleta – o “eu só existe, quando existe um tu com o qual me relaciono”, o que nos leva a pensar a educação como um processo aberto, cujos pressupostos lógicos não estão apenas marcados pelo racional da identidade, da não contradição, do terceiro excluído, da equivalência, mas de que todos os saberes (não importa quais e em vista do quê) se equivalem. Portanto, há um pressuposto ético de pensar o outro e o bem comum.

Por outro lado, se educação na saúde é organizar vivências e estabelecer sentidos, então todo o saber construído pelos indivíduos (mesmo sendo conhecimento datado e localizado no tempo e no espaço) precisa ser desvelado nos seus aspectos significantes, pois certas significações (saber acadêmico, saber comum ou da comunidade) apontam para modelos. E... modelos nem sempre falam do que pretendem dizer. Os modelos têm pretensões de serem universais e essa pretensão não esconde que há o privilégio de determinadas perspectivas ou modos de ler/ver/dizer a vida e o mundo.

Para a revista Saberes Plurais: Educação na Saúde, educação é processo aberto, incompleto, fragmentário, insuficiente. Avança criando suas próprias condições de validade, desde que não fuja da discussão – porque é nas discussões que se delibera e nas deliberações se constrói sentidos públicos nos quais está embutida a ideia ética de prestar contas por meio do diálogo. Por isso, uma revista que privilegia os “saberes plurais” nos atrai, porque reconstrói a noção de sociedade civil ampliada que resgata a ideia de cidadania emancipada, não representativa ou passiva, não pensada apenas como exercício de uma política partidária dualista (nós e eles), tão acentuada nos últimos tempos deste país que nos coube por destino e também por opção.

Pensamos que ensino na saúde como espaço público no qual a sociedade, na sua pluralidade, assume o diálogo como um mecanismo necessário para a construção de consensos provisórios, tendo por finalidade o bem comum: resgata a concepção de que o bem-estar (prestação de serviços fundamentais em saúde) é de responsabilidade de todos.

Nesse sentido, pensar educação a partir desta baliza (saúde coletiva) significa ter presente que educação é construir sentidos sobre um direito cidadão e, portanto, objeto de prática política e não apenas reflexão teórica.

Entendemos que redescobrir o sentido do ensino na saúde, a partir da ótica do coletivo implica pensar educação como algo bem diferente de um conjunto de conhecimentos formais, exatos, que deve estar a cargo apenas dos especialistas de uma dada profissão.

Ensino na saúde passa a ser entendido como atividade instituinte de sentidos que estão longe de serem apenas teóricos ou técnicos. Sentidos que remetem à autocriação permanente dos sujeitos que somos, professores, alunos, servidores, comunidade.

Por ser uma atividade eminentemente pública, a prática educativa institui ou encarna sentidos e por isso deve ser submetida a um questionamento radical: esses sentidos devem ser tornados públicos, legitimados na sua finalidade ética (tornar os sujeitos emancipados – no sentido kantiano).

Por isso, o modelo proposto pelo PPGENSAU da Faculdade de Medicina da UFRGS não privilegia apenas o rigor do conhecimento exato na perspectiva positivista e clássica, mas é rigoroso e ousado no ato de propor o conhecimento na sua prática de construção política de uma cidadania emancipada e ampliada. Porque o desinvestimento desse caráter político no ensino da saúde leva à renovação do mito do especialista, ao esvaziamento dos espaços de construção coletiva (do saber existente na comunidade). A não valorização dos saberes adquiridos pela experiência e fora da lógica do mercado – atualmente tão valorizado – aponta para que os únicos lugares legítimos de educação sejam instâncias especializadas (escola, saber organizado pelas grades curriculares, pelas disciplinas). E esses lugares nem sempre

permitem a experiência da pluralidade e da singularização, pois suas propostas se reduzem à produção de comportamentos estereotipados e de uma conduta uniforme e plenamente racional, despojada de humanidade. Por isso, também, este primeiro número da revista não se caracteriza pela uniformidade do pensar. A uniformidade não é um ideal científico inócuo; é – sim – o ideal político de uma sociedade que tem seu cotidiano submerso na produção e no consumo do homogêneo. Uma sociedade que aceita pacificamente que educação tenha por equivalente conhecer para melhor se adequar às exigências de um mercado de trabalho assume que a tarefa da educação é modelar comportamentos e coisificar um processo dinâmico de ensino-aprendizagem.

Ademais, vemos na cisão entre sujeito e conhecimento um problema a ser enfrentado, pois uma distância maior entre teoria e prática permite construir uma teoria sem que ela tenha passado pelo filtro da prática refletida em seu lócus sociocultural. Os espaços educativos de fato costumam subsumir o risco, nem sempre explicitado, de que uma teoria sem embate com a prática a reduz a ser uma ação repetida, que não questiona, aliena os sujeitos de seus objetos de estudo. Nessa perspectiva, os saberes plurais proporcionados pela valorização de uma sociedade multifacetada, que não fica reduzida a prática ou à mera execução de tarefas, é fundamental. Perceber que educar tem a ver com uma experiência – um saber do cotidiano – que se “ex-põe”, que sai de si, que produz sentidos para o vivido, que se “re-cria” pelo confronto com o mundo lá fora e com nosso próprio mundo interior, significa ter presente que o conhecimento também pode ocorrer fora dos espaços acadêmicos e das escolas.

A valorização dos saberes plurais nos leva a pensar uma epistemologia da prática como componente curricular na perspectiva de Boaventura de Souza Santos de um conhecimento prudente para uma vida decente. Isso implica considerar o conhecimento contextualizado como categoria articuladora na análise dos processos de construção de significados, estendendo a cidadania como expansão de direitos, buscando colocar um dever ético em um espaço em que há apenas poder.

Por tudo isso, este primeiro número da revista Saberes Plurais: Educação na Saúde apresenta a você, profissional preocupado com as questões da saúde coletiva, um conjunto de artigos resultantes de pesquisas que expõem na sua lógica um movimento reflexivo interdisciplinar dos autores.

O primeiro dos artigos especiais, “Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde – Modalidade Mestrado Profissional: origens”, de Waldomiro Carlos Manfroi e Carmen Lucia Bezerra Machado, utiliza o retrospecto histórico como recurso heurístico para traduzir a lógica pela qual o PPGENSAU se materializou. No relato se percebe a tarefa do educador: captar os sujeitos, como eles se movimentam, tentam e superam as condições adversas; como percebem e se contrapõem às situações de uma dada realidade organizacional para a implementação de uma outra proposta de formação em saúde.

O segundo artigo especial, “Avaliação do Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional da UFRGS: percepções de egressos”, de Paulo Peixoto de Albuquerque, Ramona Fernanda Ceriotti Toassi e Danilo Blank, é muito mais do que o relato de um exercício gestor necessário para pensar a efetividade de uma proposta de formação e qualificação de profissionais da saúde. Trata-se de uma construção interdisciplinar realizada pelos professores de três áreas de conhecimento (medicina, odontologia e sociologia). O texto pode parecer à primeira vista fragmentado em sua lógica, mas tem sua intencionalidade: ensinar é muito mais do que estabelecer o porquê da aprendizagem; aquele que apreende produz significados e sentidos que é importante considerar. Com diz Gramsci, em Concepção Dialética da História, “a possibilidade não é uma realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não fazer determinada coisa; isto tem importância na valorização daquele que realmente faz”.

A nova revista propõe como seu cerne uma seção com os relatos das pesquisas e intervenções dos alunos. Levando em conta que a essência de um mestrado profissional no campo do ensino na saúde é promover o chamado movimento de ação-reflexão-ação no cotidiano do ensinar e aprender no âmbito dos serviços – mais propriamente, do SUS –, é preciso traduzir logo para a comunidade profissional os produtos dessa articulação com o ambiente acadêmico. Tal seção será sempre precedida por uma outra de ensaios e debates oriundos da experiência de docentes ou profissionais capacitados com mais tempo de atuação

na atenção à saúde. Neste primeiro número, o artigo “Trabalho humanizado × desrespeito, crueldade e negligência: um caso em hospital psiquiátrico de Porto Alegre”, de Paulo Peixoto de Albuquerque e Carmen Lucia Bezerra Machado, reflete sobre as diferenças que existem entre o pensado no SUS e sua concretização.

Dentre os seis artigos que mostram parte do produto da primeira turma graduada pelo PPGENSAU da UFRGS, o primeiro, “Conhecimento e prática dos profissionais da atenção primária de saúde acerca de educação em saúde do município de Canoas/RS” de Robianca Munaretti, Ramona Fernanda Ceriotti Toassi e Waldomiro Manfroi, trata de como o conhecimento sobre as questões de educação em saúde possibilita a elaboração de programas que aprimorem a prática profissional.

O segundo trabalho, “Educação na saúde em um hospital de ensino: a efetividade da mudança?” de Iane Maria da Silva e Paulo Peixoto de Albuquerque, destaca a mudança como processo necessário e difícil nas organizações e voltadas para a saúde, especialmente hospitais, em que a tecnologia e os serviços tendem à complexidade. Na sua interrogação sinaliza como um estudo de caso pode apresentar àqueles que atuam na gestão os limites e as possibilidades do pensar educação na saúde.

O terceiro, “Mudanças na educação superior em cursos da saúde: análise da evasão no curso noturno de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”, de Juliana Maciel de Souza e Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, tenta estabelecer subsídios a estratégias para a permanência do estudante no curso até sua conclusão.

O quarto artigo, “O agir profissional de equipes de saúde e a atenção a gestantes no Sistema Único de Saúde”, de Janice Castilhos Gomes, Cristine Maria Warmling e Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, explicita que o modo de atuar das equipes de saúde da família necessita estreitar a convivência com os médicos especialistas, sob risco de que suas estratégias de trabalho se tornem coadjuvantes, em função de um discurso cada vez mais prescritivo e dissociado da vivência das gestantes.

O trabalho “Preceptoría como modalidade de ensino na saúde: atuação e características do preceptor cirurgião-dentista da atenção primária” de Patrícia Flores Rocha, Cristine Maria Warmling e Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, aponta desafios no processo de avaliação do estudante pelo preceptor no período do estágio e quanto à formação pedagógica dos cirurgiões-dentistas para o ensino na saúde, concluindo que a relação universidade-serviço-preceptor precisa ser continuamente fortalecida.

Por fim, o artigo “Processo de trabalho e agir profissional no cuidado em saúde bucal no sistema único de saúde” de Evelise Tarouco da Rocha e Cristine Warmling”, destaca que o cuidado integral em saúde bucal depende da construção de significados a partir do reconhecimento da prática profissional e da realidade das situações de trabalho.

A revista também traz resenhas de trabalhos considerados de interesse para o público leitor, sempre com foco na educação e saúde, com o objetivo de compartilhar conhecimento, agregar reflexões e apontar caminhos.

No ato de escrever é importante ter presente que aquele que escreve tem dificuldades e sempre tem. Por quê? Porque quer escrever não sobre um em geral qualquer, mas sobre uma dada realidade: a sua. Há no ato de escrever uma espécie de desejo e de experiência da possibilidade que se materializa no texto. Querer escrever significa querer tornar a vida possível. Escrever na academia, então, é a experiência mais insensata e estranha, porque não habitual e condicionada a certos protocolos normativos. Entretanto, materializar as reflexões sobre os saberes plurais possíveis na educação na saúde pressupõe um projeto diferenciado de educação que arrisca e explicita aquilo que Paulo Freire anunciou há muito tempo: “...que nossa capacidade de pensar, de conjecturar, de comparar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar não pode estar reduzida à ação de viabilizar o já determinado; a educação perde o seu sentido de luta pela concretização de sonhos diferentes quando invisibiliza nossa presença no mundo.”

Saberes Plurais: Educação na Saúde; eis um acontecimento auspicioso que confere outra dimensão à vida institucional do PPGENSAU.

Boa leitura! Bom proveito!